

SARAH JIO

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

O Tempo das Violetas

— — — — —
O coração de uma mulher
é um mar de segredos.
— — — — —

es
**MELHOR
LIVRO DO ANO**

Library Journal

es

**TOP
SEL
LER**

Capítulo 1



— **A**cho que agora é que é — disse o Joel, encostado ao batente da porta do nosso apartamento. Olhou em volta como se estivesse a memorizar todos os pormenores do duplex nova-iorquino do virar do século, que tínhamos comprado e renovado juntos há cinco anos — uma época mais feliz. Era deslumbrante: a entrada com um arco delicado, a cornija da lareira que tínhamos encontrado numa loja de antiguidades no Connecticut e acartado para casa como se fosse um tesouro, e a sumptuosidade das paredes da sala de jantar. Tinha sido uma inquietação escolher a cor da tinta, mas por fim optámos por vermelho-marroquino, um tom que era melancólico e discordante, um pouco como o nosso casamento. Assim que as paredes foram pintadas, ele achou que era demasiado laranja. Eu achei que ficava perfeito.

Os nossos olhares cruzaram-se por um segundo, mas eu rapidamente baixei os olhos para o dispensador nas minhas mãos e automaticamente arranquei o último bocado de fita adesiva,

colando-a rapidamente no último caixote com os pertences do Joel que ele tinha vindo buscar pela manhã.

— Espera — disse eu, recordando um vislumbre de uma capa dura de livro azul que tinha visto no caixote agora selado. Ergui o olhar para ele com uma expressão acusatória. — Tiraste o meu exemplar de *Years of Grace*?

Eu tinha lido o romance durante a nossa lua de mel no Taiti há seis anos, embora não fosse a memória da nossa viagem que eu queria enaltecer com as suas páginas esfarrapadas. Em retrospectiva, nunca saberei como o livro vencedor do Prémio Pulitzer de 1931, da autoria da falecida Margaret Ayer Barnes, foi parar numa pilha empoeirada de livros de oferta na receção da estância, mas quando o tirei do recipiente onde estava e abri a lombada quebradiça, senti o meu coração contrair-se com uma familiaridade intensa que não consegui explicar. A história comovente relatada nas páginas, de amor e perda e aceitação, de paixões secretas e o peso de pensamentos privados, mudou para sempre a forma como via a minha própria escrita. Pode até ter sido a razão pela qual *parei* de escrever. O Joel nunca tinha lido o livro, e por mim ainda bem. Era demasiado íntimo para partilhar. Era como ler as páginas do diário que nunca escrevi.

Ele viu-me a arrancar a fita-cola e a abrir o caixote de novo, vasculhando-o até encontrar o velho romance. Nesse momento, soltei um suspiro de exaustão emocional.

— Desculpa — disse ele, embaraçado. — Não sabia que tu...

Ele não sabia muitas coisas sobre mim. Agarrei no livro com força, depois voltei a selar o caixote.

— Acho que é tudo — disse eu, ao levantar-me.

Ele olhou com cautela na minha direção, e eu retribuí o olhar desta vez. Durante mais algumas horas, pelos menos até eu assinar os papéis do divórcio ao fim da tarde, ele ainda seria o meu marido. Porém, era difícil olhar para aqueles olhos castanho-escuros sabendo que o homem com quem casara ia deixar-me, por outra pessoa. *Como é que chegámos aqui?*

Visualizei a cena do nosso fim na minha cabeça como se fosse um filme trágico, tal como tinha feito um milhão de vezes desde que nos tínhamos separado. Começou numa manhã chuvosa de domingo em novembro. Eu estava a fazer ovos mexidos embebidos em molho tabasco, a comida favorita dele, quando ele me falou da Stephanie. De como ela o fazia rir. De como ela o compreendia. De como eles *combinavam*. Imaginei duas peças de Lego a unirem-se, e estremeci. É engraçado; quando relembro essa manhã, consigo de facto sentir o cheiro a ovos queimados e molho tabasco. Se tivesse sabido que isto seria o cheiro do fim do meu casamento, teria feito panquecas.

Olhei mais uma vez para o rosto do Joel. Os olhos dele estavam tristes e hesitantes. Eu sabia que, se me levantasse e me lançasse para os seus braços, ele provavelmente me abraçaria com o amor de um marido arrependido que não me abandonaria, não terminaria o nosso casamento. Mas, não, disse a mim mesma. O estrago já foi feito. O nosso destino tinha sido traçado.

— Adeus, Joel — disse eu. O meu coração pode ter querido continuar, mas o meu cérebro sabia bem. Ele tinha de ir embora.

O Joel pareceu magoado.

— Emily, eu...

Esperaria ele que eu o perdoasse? Que lhe desse uma segunda oportunidade? Não sabia. Estendi a mão como se para o impedir de continuar.

— Adeus — disse eu, reunindo toda a força que possuía.

Ele anuiu solenemente e depois virou-se para a porta. Fechei os olhos e ouvi-o a fechá-la silenciosamente depois de sair. Trancou-a por fora, um gesto que me apertou o coração. *Ele ainda se importa...* Com a minha segurança, pelo menos. Abanei a cabeça e mentalmente tomei nota para trocar a fechadura. Escutei os passos dele tornarem-se mais ténues, até serem completamente abafados pelo ruído na rua.

O meu telefone tocou algum tempo depois, e quando me levantei para o atender, apercebi-me de que tinha estado sentada no chão, absorvida a ler *Years of Grace* desde que o Joel tinha saído. Tinha passado um minuto? Uma hora?

— Vens? — Era a Annabelle, a minha melhor amiga. — Tu prometeste-me que não assinarias os papéis do divórcio sozinha.

Desorientada, olhei para o relógio.

— Desculpa, Annie — disse eu, a procurar as chaves e o horrível envelope castanho na mala. Devia ter-me encontrado com ela no restaurante há 45 minutos. — Estou a caminho.

— Ótimo — disse ela. — Eu peço-te uma bebida.

The Calumet, o nosso lugar favorito para almoçar, ficava a quatro quarteirões do meu apartamento, e quando cheguei dez minutos depois, a Annabelle cumprimentou-me com um abraço.

— Tens fome? — perguntou ela depois de nos sentarmos.

Suspirei.

— Não.

A Annabelle franziu o sobrolho.

— Hidratos — disse ela, a passar-me o cesto do pão. — Precisas de hidratos. Então, onde estão esses papéis? Vamos despachar isto.

Tirei o envelope da mala e pousei-o sobre a mesa, fitando-o cautelosamente como se fosse dinamite.

— Tens noção de que a culpa é toda tua? — disse a Annabelle, meio a sorrir.

Lancei-lhe um olhar zangado.

— Como assim, a culpa é minha?

— Não se *casa* com homens chamados Joel — continuou ela com aquele som *tsk-tsk* na voz. — Ninguém se casa com Joels. Os Joels deste mundo são namorados que nos pagam bebidas e nos compram coisinhas bonitas da Tiffany, mas não servem para casar.

A Annabelle estava a trabalhar no seu doutoramento em antropologia social. Nos seus dois anos de investigação, tinha analisado dados de casamentos e divórcios de uma forma pouco convencional. De acordo com as suas descobertas, a taxa de sucesso de um casamento pode ser precisamente prevista através do nome do homem.

Casa-te com um Eli e provavelmente desfrutarás de um casamento feliz durante 12,3 anos. Brad? 6,4. Os Steves desistem após apenas quatro anos. E, tanto quanto a Annabelle sabe, nunca, mas nunca *mesmo*, devemos casar com um Preston.

— Diz-me lá outra vez o que dizem os dados sobre o Joel?

— Sete vírgula dois anos — diz ela com um tom indiferente.

Anuí. Tínhamos sido casados durante seis anos e duas semanas.

— Precisas de arranjar um Trent — continuou ela.

Fiz uma cara de desagrado.

— Odeio o nome Trent.

— Está bem, então um Edward ou um Bill, ou — não, um Bruce — disse ela. — São nomes com longevidade marital.

— Certo — disse eu com sarcasmo. — Se calhar devias levar-me a comprar um marido num lar de idosos.

A Annabelle é alta e esguia e linda — linda como a Julia Roberts, com cabelo escuro comprido e ondulado, pele como porcelana e olhos intensamente escuros. Com 33 anos nunca foi casada. A razão, diria ela, era o *jazz*. Não conseguia encontrar um homem que gostasse de Miles Davis e Herbie Hancock tanto quanto ela gostava.

Acenou para o empregado de mesa.

— Queremos mais dois, se faz favor. — Ele levou-me o copo de martíni, deixando um círculo de água no envelope.

— Está na hora — disse ela baixinho.

A minha mão tremeu um pouco quando a enfiei dentro do envelope e retirei uma pilha de folhas de papel com espessura

de mais de um centímetro. A assistente do meu advogado tinha assinalado três folhas com *post-its* cor-de-rosa-choque que diziam «assinar aqui».

Procurei uma caneta na mala e senti um nó na garganta ao assinar o meu nome na primeira página, e depois na seguinte e por fim na outra. Emily Wilson, com um *y* alongado e um *n* vincado. Era a forma exata como eu assinava o nome desde o quinto ano. Em seguida, rabisquei a data, 28 de fevereiro de 2005, o dia em que o nosso casamento tinha acabado.

— Linda menina — disse a Annabelle, aproximando um novo martíni de mim. — Então, vais escrever sobre o Joel? — Como sou escritora, a Annabelle, tal como todas as pessoas que conheço, acreditava que escrever sobre a minha relação com o Joel na forma de um romance levemente camuflado seria a melhor forma de vingança.

— Podias construir uma história à volta dele e mudar-lhe ligeiramente o nome — continuou ela. — Talvez chamá-lo Joe, e a personagem dele seria um autêntico parvalhão. — Deu uma dentada e quase se engasgou com a comida, a rir-se, e em seguida disse: — Não, um parvalhão com *disfunção erétil*.

O único problema é que mesmo que tivesse querido escrever um romance vingativo sobre o Joel, que não escrevi, teria sido um livro horrível. Tudo o que escrevesse, se conseguisse escrever alguma coisa, teria carecido de imaginação. Sei disto porque tinha acordado todos os dias durante os últimos oito anos, sentada à secretária e fitado um ecrã em branco. Por vezes criava uma frase fantástica ou algumas boas páginas, mas depois emperrava. E assim que me via neste estado, não havia maneira de sair dele.

A minha psicóloga Bonnie chamou-lhe bloqueio de escritor clínico (ou seja, terminal). A minha musa tinha adoecido e o seu prognóstico não era bom.

Há oito anos escrevi um romance que foi um sucesso de vendas. Há oito anos estava no topo. Era magrinha — não que esteja

gorda agora (bem, talvez um pouco nas coxas, sim) — e na lista de bestsellers do *New York Times*. E se houvesse uma lista de melhores vidas do *New York Times*, eu também teria estado nela.

Depois de o meu livro *Chamando Ali Larson* ter sido publicado, a minha agente encorajou-me a escrever uma sequência. Os leitores queriam uma sequência, disse-me ela. E o meu editor já tinha sugerido duplicar o pagamento à cabeça para um segundo livro. Mas, por mais que tentasse, não tinha mais nada para escrever, nada mais para dizer. E, mais cedo ou mais tarde, a minha agente deixou de ligar. Os editores deixaram de esperar. Os leitores deixaram de se interessar. A única prova de que a minha vida anterior não era apenas imaginação eram os cheques de direitos de autor que chegavam pelo correio com frequência e uma ou outra carta que recebia de um leitor algo perturbado chamado Lester McCain, que acreditava estar apaixonado por Ali, a protagonista do meu livro.

Ainda me recordo da excitação que senti quando o Joel me abordou na festa de lançamento do meu livro no Madison Park Hotel. Ele estava num cocktail numa sala ao lado quando me viu junto à entrada. Eu estava a usar um vestido da Betsey Johnson, que em 1997 era o *máximo*: preto e sem alças, que me custou uma fortuna. Mas, oh sim, valeu *todos os tostões*. Ainda estava no meu armário, mas de súbito senti vontade de ir a casa e queimá-lo.

— Estás deslumbrante — tinha dito ele, com ousadia, antes de sequer se apresentar. Lembro-me de como me senti quando o ouvi sussurrar aquelas palavras. Podia ter sido a sua habitual frase de engate, e vejamos bem, provavelmente era. Mas fez-me sentir especial. Tão típico do Joel.

Alguns meses antes, a *GQ* tinha feito um grande artigo sobre os solteiros «terra-a-terra» mais procurados na América — não, não é a lista que de dois em dois anos inclui sempre o George Clooney; mas aquela lista que incluía um surfista de San Diego, um dentista

na Pensilvânia, um professor em Detroit e, sim, um advogado em Nova Iorque, Joel. Ele tinha entrado no Top 10. E, não sei como, *eu* tinha-o arrecadado.

E perdido.

A Annabelle estava a abanar as mãos à minha frente.

— Terra chama Emily — disse ela.

— Desculpa — respondi, com um pequeno tremor. — Não, não vou escrever sobre o Joel. — Abanei a cabeça e enfiei de novo os papéis no envelope, guardando-o na mala. — Se voltar a escrever alguma coisa, seria diferente de qualquer outra história que já tentei escrever.

A Annabelle lançou-me um olhar confuso.

— E a sequela do teu último livro? Não vais acabar isso?

— Já não — disse eu, dobrando um guardanapo ao meio e mais uma vez ao meio.

— Porque não?

Suspirei.

— Não sou mais capaz. Não me posso obrigar a vomitar 85 000 palavras medíocres, mesmo que signifique um contrato de publicação. Mesmo que signifique milhares de leitores com o meu livro nas mãos nas férias de verão. Não, se voltar a escrever alguma coisa — se voltar a escrever — será diferente.

A Annabelle parecia querer levantar-se e aplaudir.

— Olha para ti — disse ela, a sorrir. — Estás a evoluir.

— Não, não estou — disse eu com teimosia.

— Claro que estás — contrapôs ela. — Vamos analisar isto mais um pouco. — Ela uniu as mãos. — Disseste que querias escrever algo *diferente*, mas o que eu acho que queres dizer é que o teu último livro não veio do coração.

— Poder-se-ia dizer isso, sim — disse eu, a encolher os ombros.

A Annabelle tirou uma azeitona do seu copo de martíni e enfiou-a na boca.

— Porque é que não escreves sobre algo que te *interesse* realmente? — disse ela um momento depois. — Como um lugar ou uma pessoa que te tenha inspirado.

Anuí.

— Não é isso que todos os escritores tentam fazer?

— Sim — disse ela, enxotando o empregado com um olhar que dizia «estamos bem, e não, não queremos a conta», em seguida, olhou de novo para mim com grande intensidade. — Mas já *tentaste* realmente fazer isso? Quer dizer, o teu livro foi fantástico — a sério que foi, Em — mas alguma coisa nele veio, bem, de *ti*?

Ela tinha razão. Era uma história excelente. Era um sucesso de vendas, por amor de Deus. Então porque é que eu não conseguia sentir orgulho dela? Porque é que não me sentia *ligada* a ela?

— Já te conheço há muito tempo — continuou ela —, e sei que não foi uma história que saiu da tua vida, das tuas experiências.

Não foi. Mas o que me poderia inspirar a minha vida? Pensei nos meus pais e avós, e depois abanei a cabeça.

— É esse o problema — disse eu. — Os outros escritores têm imensa coisa em que se basear — mães más, maus-tratos, infâncias aventurosas. A minha vida sempre foi tão normal. Nenhuma morte. Nenhum trauma. Nem sequer a perda de um animal de estimação. O gato da minha mãe, *Oscar*, tem 22 anos de idade. Não há nada na minha vida que garanta a criação de histórias, acredita; já pensei nisso.

— Não acho que estejas a dar-te o devido valor — disse ela. — Tem de haver alguma coisa. Uma migalha qualquer.

Desta vez deixei a minha mente vagar, e nesse instante, pensei de imediato na minha tia-avó Bee, a tia da minha mãe, e na casa dela em Bainbridge Island, no estado de Washington. Tinha saudades dela tanto quanto tinha da ilha. Como pude deixar passar tantos anos desde a última visita? A Bee, que tinha 85 anos, mas espírito de 29, nunca teve filhos, por isso eu e a

minha irmã tornámo-nos por definição suas netas substitutas. Ela enviava-nos postais de aniversário com notas de 50 dólares acabadas de sair do banco, prendas de Natal que eram realmente boas, e guloseimas no Dia de São Valentim, e quando no verão íamos da nossa casa em Portland, em Oregon, visitá-la, ela escondia chocolates por baixo das nossas almofadas antes que a nossa mãe pudesse gritar «Não, elas acabaram de lavar os dentes!»

A Bee era, de facto, inconvençional. Mas também havia algo de *estranho* nela. O facto de falar demasiado. Ou de falar de menos. O facto de ser simultaneamente hospitaleira e petulante, generosa e egoísta. E depois havia os seus segredos. Eu adorava-a por os guardar.

A minha mãe sempre disse que, quando as pessoas vivem sozinhas durante a maior parte das suas vidas, tornam-se imunes às suas próprias peculiaridades. Não sabia se acreditava na teoria ou não, em parte porque eu própria me preocupava com uma vida inteira de solteirice. Contentei-me a ficar à espreita de sinais.

Bee. Consegui imaginá-la imediatamente junto à sua mesa da cozinha em Bainbridge Island. Desde que a conheço, ela come sempre o mesmo pequeno-almoço: torrada de pão lêvedo com manteiga e mel batido. Corta o pão torrado de tom castanho-dourado em quatro pequenos quadrados e coloca-os sobre papel de cozinha que dobrou ao meio. Barra generosamente cada quadrado com manteiga amolecida, como se estivesse a cobrir um bolo, e em cada um deita por cima uma colherada de mel batido. Quando eu era criança, vi-a fazer isto centenas de vezes, e agora, quando estou doente, torrada de pão lêvedo com manteiga e mel é remédio santo.

A Bee não é uma mulher bonita. É mais alta do que a maioria dos homens, com um rosto que é demasiado largo, ombros demasiado compridos, dentes demasiado grandes. Porém, as fotos a preto e branco da sua juventude revelam uma espécie de brilho, uma certa beleza que todas as mulheres têm nos seus 20 anos.

Eu costumava admirar uma foto específica dela nessa mesma idade, que estava pendurada numa moldura coberta de conchas na parede do corredor da casa da minha infância. Não era um local de honra, uma vez que tínhamos de subir a um banco para a ver como deve de ser. A foto antiga e recortada em forma de conchas mostrava uma Bee que eu nunca conhecera. Sentada com um grupo de amigas sobre uma manta na praia, ela parecia descontraída e estava a sorrir sedutoramente. Outra mulher estava inclinada na sua direção, a sussurrar-lhe ao ouvido. Um segredo. A Bee estava a agarrar um colar de pérolas ao pescoço e olhava para a câmara de uma forma como eu nunca a tinha visto olhar para o tio Bill. Perguntei-me quem estaria por trás da lente nesse dia há tantos anos.

— O que é que ela disse? — perguntei à minha mãe um dia, quando era criança, espreitando para a fotografia.

A minha mãe não desviou o olhar da roupa lavada que estava a arrumar no corredor.

— *Quem* é que disse o quê?

Apontei para a mulher ao lado da Bee.

— A senhora bonita que está a sussurrar ao ouvido da tia Bee.

A minha mãe levantou-se de imediato e caminhou até ao meu lado. Esticou a mão e limpou o pó na moldura de vidro com a ponta da camisola.

— Nunca saberemos — disse ela, com uma mágoa palpável, enquanto admirava a foto.

O falecido tio da minha mãe, Bill, era um herói bonito da Segunda Guerra Mundial. Todos diziam que ele tinha casado com a Bee pelo dinheiro dela, mas eu não acredito nessa teoria. Eu tinha-o visto a beijá-la, a colocar os braços à volta da cintura dela durante aqueles verões da minha infância. Ele tinha-a amado; disso não havia dúvidas.

Mesmo assim, eu sabia pela forma que a minha mãe falava que ela desaprovava a relação deles, que acreditava que o Bill

podia ter arranjado melhor. A Bee, na sua opinião, era demasiado inconvençional, demasiado grosseira, demasiado impertinente, demasiado *tudo*.

Todavia, continuámos a visitar a Bee, verão após verão. Mesmo depois de o tio Bill ter morrido quando eu tinha 9 anos. O lugar era meio etéreo, com as gaivotas a voarem no alto, os jardins extensos, o cheiro do estuário de Puget, a grande cozinha cujas janelas estavam viradas para a água cinzenta, o burburinho comovente das ondas que rebentavam na costa. Eu e a minha irmã adorávamos o lugar e, apesar da opinião da minha mãe em relação à Bee, eu sei que ela também adorava o lugar. Tinha um efeito tranquilizante em todos nós.

A Annabelle olhou-me com uma expressão sugestiva.

— Tu *tens* aí uma história, não tens?

Suspirei.

— Talvez — disse eu, com reservas.

— Porque é que não fazes uma viagem? — sugeriu ela. — Precisas de sair daqui, desanuviar a cabeça durante algum tempo.

Eu franzi o nariz ao considerar a ideia.

— Para onde é que iria?

— Para um lugar longe daqui.

Ela tinha razão. Nova Iorque é uma cidade interesseira. Adora-te quando estás no sétimo céu e deita-te abaixo quando estás na sarjeta.

— Vens comigo? — Imaginei-nos às duas numa praia tropical, a bebermos cocktails com chapeuzinhos.

Ela abanou a cabeça.

— Não.

— Porque não? — Senti-me como um cachorrinho — um cachorrinho assustado e abandonado que só queria alguém que lhe pusesse a coleira e lhe mostrasse aonde ir, o que fazer, como ser.

— Não posso ir contigo porque precisas de fazer isto sozinha. — As palavras dela abalaram-me. Ela olhou-me diretamente nos olhos, como se eu precisasse de absorver cada palavra do que ela

estava prestes a dizer. — Emily, o teu casamento acabou e, bem, a verdade é que não choraste nem uma lágrima.

Na minha caminhada de volta ao apartamento pensei no que a Annabelle tinha dito, e os meus pensamentos, mais uma vez, centraram-se na minha tia Bee. *Como é que deixei tantos anos passarem sem a visitar nem uma vez?*

Ouvi um som estridente no alto, o som inconfundível de metal sobre metal, e ergui o olhar. Um cata-vento de cobre, desgastado até uma pátina verde-acinzentada vibrante, chamava a atenção sobre o telhado de um café vizinho. Rodopiava ruidosamente com o vento.

O meu coração bateu com força quando admirei a cena familiar. Onde é que já a vira antes? Então lembrei-me. *O quadro. O quadro da Bee.* Até àquele momento, tinha-me esquecido da tela de 13 por 18 centímetros que ela me tinha oferecido quando eu era criança. Ela costumava pintar, e eu lembro-me da grande sensação de honra que senti quando ela me escolheu como zeladora da peça de arte. Eu tinha-lhe dito que era uma obra de arte, e as minhas palavras fizeram-na sorrir.

Fechei os olhos e consegui visualizar na perfeição a paisagem pintada a óleo: o cata-vento estava empoleirado sobre uma velha cabana de praia, e o casal, de mãos dadas, na costa.

Senti-me excessivamente culpada. Onde estava o quadro? Tinha-o guardado depois de eu e o Joel nos termos mudado para o apartamento — ele não achava que combinasse com a decoração. Tal como me tinha distanciado da ilha que tinha amado na infância, guardara as relíquias do meu passado em caixotes. *Porquê? Para quê?*

Apressei o passo até se tornar uma corrida estável. Pensei em *Years of Grace*. *Será que o quadro também foi parar acidentalmente a um dos caixotes do Joel? Ou pior, será que o guardei por engano numa caixa de livros e roupa para caridade?* Cheguei à porta do

apartamento e enfiei a chave na fechadura, depois subi as escadas a correr até ao quarto e abri a porta do armário de rompante. Ali, na prateleira de cima, estavam dois caixotes. Tirei um e vasculhei o conteúdo: alguns animais de pelúcia da minha infância, uma caixa de antigas polaroides e vários cadernos com recortes de jornal dos dois anos em que escrevi para o jornal da faculdade. Mas nada do quadro.

Peguei no segundo caixote e lá dentro encontrei uma boneca Raggedy Ann, uma caixa de mensagens das minhas paixonetas do liceu e o meu querido diário da Moranguinho da escola primária. Era tudo.

Como pude perdê-lo? Como pude ter sido tão descuidada? Levantei-me, dando uma última vista de olhos ao armário. Um saco de plástico enfiado bem no canto chamou-me de súbito a atenção. A batida do meu coração acelerou com ansiedade quando o tirei para a luz.

Dentro do saco, embrulhado numa toalha azul-turquesa e cor-de-rosa, estava o quadro. Senti uma dor no meu âmago ao agarrá-lo nas mãos. O cata-vento. A praia. A velha cabana. Estava tudo como me lembrava. Mas não o casal. Não, algo estava diferente. Sempre tinha imaginado que as pessoas retratadas eram a Bee e o tio Bill. A mulher era certamente a Bee, com as pernas compridas e as características calças à pescador azul-claras. As suas «calças de verão», como lhes tinha chamado. Mas o homem não era o tio Bill. Não. Como é que eu não tinha reparado nisso? O Bill tinha cabelo claro, loiro-sujo. Mas este homem tinha cabelo escuro, espesso e ondulado. *Quem era ele? E porque é que a Bee se pintou com ele?*

Deixei a desarrumação no chão e desci as escadas, com o quadro, para ir buscar a agenda telefónica. Telefonei para o número familiar e respirei fundo, a ouvir o som do primeiro toque e depois do segundo.

— Sim? — A voz dela estava igual; intensa e forte, com uma certa suavidade.

— Bee, sou eu, a Emily — disse eu, com a voz a quebrar. — Peço desculpa por ter deixado passar tanto tempo. É só que eu...

— Que tolice, querida — disse ela. — Não tens de pedir desculpa. Recebeste o meu postal?

— O teu postal?

— Sim, enviei-o na semana passada depois de ter recebido as tuas notícias.

— Soubeste? — Eu não tinha contado a ninguém sobre o Joel. Não aos meus pais em Portland — ainda não, pelo menos. Nem à minha irmã em Los Angeles, que tem filhos perfeitos, marido dedicado e uma horta biológica. Nem sequer à minha psicóloga. Ainda assim, não me surpreendeu que as notícias tivessem chegado a Bainbridge Island.

— Sim — disse ela. — E pensei que poderias vir fazer uma visita. — Ela fez uma pausa. — Esta ilha é um sítio ótimo para sarar as mágoas.

Passei o dedo pela moldura do quadro. Quis estar lá naquele instante — em Bainbridge Island, na cozinha quente e grande da Bee.

— Quando é que vens? — A Bee não é de rodeios.

— Amanhã é cedo demais?

— Amanhã — disse ela — é 1 de março, o mês em que o estuário está no seu melhor, querida. Está a rebentar de *vida*.

Eu sabia o que ela queria dizer com essas palavras. A água cinzenta agitada. O *kelp* e outras algas e cracas. Eu quase conseguia saborear o ar salgado. A Bee acreditava que o estuário de Puget era o grande curandeiro. E eu sabia que, quando chegasse, ela me encorajaria a descalçar os sapatos e a ir passear, mesmo que fosse uma da manhã — mesmo que estivessem 7 °C, o que seria provável.

— E, Emily?

— Sim?

— Há algo importante de que temos de falar.

— O que é?

— Agora não. Não pelo telefone. Quando chegares, querida.

Depois de ter desligado, desci as escadas até à caixa do correio e encontrei uma conta do cartão de crédito, um catálogo da Victoria's Secret — endereçado ao Joel — e um grande envelope quadrado. Reconheci a morada do remetente, e num instante lembrei-me de onde já a tinha visto: nos papéis do divórcio. E também porque o tinha pesquisado no *Google* na semana anterior. Era a nova moradia do Joel na 57th Street — a que estava a partilhar com Stephanie.

A adrenalina correu-me pelas veias quando considerei a hipótese de o Joel poder querer contactar-me. Se calhar estava a enviar-me uma carta, um cartão; não, um início romântico de uma caça ao tesouro: um convite para me encontrar com ele algures na cidade, onde haveria outra pista, e depois de mais outras quatro, ali estaria ele, à frente do hotel onde nos tínhamos conhecido há tantos anos. E teria uma rosa na mão — não, um sinal, e diria: «ESTOU ARREPENDIDO. AMO-TE. PERDOA-ME». Exatamente assim. Poderia ser o fim perfeito de um romance trágico. *Dá-nos um final feliz*, Joel, sussurrei quando passei o dedo pelo envelope. *Ele ainda me ama. Ele ainda tem sentimentos por mim.*

Mas, quando levantei a aba do envelope e tirei com cuidado o cartão tingido de dourado, a fantasia desmoronou-se. Fiquei a olhar paralisada.

A espessura do cartão. A caligrafia refinada. Era um convite de casamento. O convite para o casamento dele. 18 horas. Jantar. Dança. Uma celebração de amor. Carne de vaca ou frango. Aceita com gosto. Recusa com tristeza. Fui até à cozinha. Passando calmamente pelo caixote da reciclagem, e em vez disso enfiei o papel e envelope dourados diretamente no lixo da cozinha, em cima de uma caixa bolorenta de *chow mein* de frango.

Vasculhando o resto do correio, deixei cair uma revista e, quando me agachei para a apanhar, vi o postal da Bee, que

tinha ficado escondido entre as folhas da *New Yorker*. Na frente tinha um *ferry* branco com borda verde a chegar ao Eagle Harbor. Voltei-o e li:

Emily,

A ilha costuma chamar-nos quando mais precisamos.
Vem para casa. Sinto a tua falta, querida.

Com todo o meu amor,
Bee

Pressionei o postal contra o peito e exalei profundamente.

Capítulo 2



1 de março

Bainbridge Island não consegue esconder a sua glória, mesmo sob o véu da escuridão. Observei da janela o *ferry* a aproximar-se cada vez mais do Eagle Harbor, passando pela costa coberta de seixos e as casas com ripas de madeira que se colavam corajosamente à colina. Os interiores iluminados atraíam-me, como se as pessoas lá dentro estivessem a preparar mais um lugar enquanto se reuniam à volta da lareira para bebericar vinho ou chocolate quente.

Os ilhéus adoravam o seu lado eclético: mães a conduzirem *Volvos* com maridos empregados que viajavam para Seattle de *ferry*, artistas e poetas reclusos e uma mão-cheia de celebridades. Dizia-se que, antes de se separarem, a Jennifer Aniston e o Brad Pitt compraram 3,6 hectares na costa ocidental, e toda a gente sabe que vários antigos membros do elenco da série televisiva *Gilligan's Island* consideram Bainbridge a sua casa. Como é óbvio, é um bom lugar para nos perdermos. E é isso que estou prestes a fazer.

De norte a sul, a ilha tinha apenas 16 quilómetros de comprimento, mas parecia um continente por si só. Havia baías e

enseadas, angras e planícies de maré, uma vinícola, uma plantação de frutos silvestres, uma quinta de lamas, 16 restaurantes, um café que fazia bolos de canela caseiros e o melhor café que já provei, e um mercado cujos produtos incluíam vinho de framboesa de produção local e acelga biológica colhida na altura.

Respirei fundo e olhei para o meu rosto refletido no espelho. Vi uma mulher séria e cansada — muito diferente da rapariga que fez a sua primeira viagem até à ilha há muitos anos. Encolhi-me de vergonha ao lembrar-me de algo que o Joel dissera há alguns meses. Estávamos a preparar-nos para sair de casa para jantar com amigos.

— Em — disse ele, a inspecionar-me com um olhar crítico. — Esqueceste-te de te *maquilhar*?

Sim, eu tinha-me maquilhado, muito obrigada, mas o espelho do *hall* de entrada mostrava uma pele pálida e vulgar. As maçãs do rosto altas que mais ninguém na família tinha a não ser eu, as que a minha mãe dizia que eu devo ter recebido do leiteiro — pareciam estranhas. *Eu* parecia estranha.

Saí do *ferry* para a rampa que levava até ao terminal onde a Bee estaria à minha espera no seu carocha verde de 1963. O ar cheirava a maresia, ao fumo de escape do *ferry*, a bivalves putrefactos e abetos, o mesmo cheiro de quando eu tinha 10 anos.

— Deviam engarrafá-lo, não acha? — disse um homem atrás de mim.

Ele devia ter pelo menos 80 anos, vestia um fato de bombazina castanho. Parecia um professor, com óculos de armação grossa pendurados ao pescoço — bonito, como os ursos de pelúcia são.

Eu não tinha a certeza se ele estava a falar comigo, e então ele falou de novo.

— Este cheiro — disse ele, a piscar o olho. — Deviam engarrafá-lo.

— Sim — disse eu, anuindo. Sabia exatamente do que ele estava a falar, e concordei. — Há dez anos que não vinha aqui. Acho que me esqueci do quanto sentia falta deste lugar.

— Oh, é de fora?

— Sim — disse eu. — Vim passar o mês.

— Então, seja bem-vinda — disse ele. — Quem é que veio visitar, ou está apenas aqui pela aventura?

— A minha tia Bee.

Ele ficou boquiaberto.

— A Bee Larson?

Mostrei um pequeno sorriso. Como se houvesse outra Bee Larson na ilha.

— Sim — disse eu. — Conhece-a?

— Claro — disse ele, como se devesse saber desse facto. — É minha vizinha.

Sorri. Tínhamos agora chegado ao terminal, mas não vi o carro da Bee em lado nenhum.

— Sabe — continuou ele —, pensei que você me parecia familiar quando a vi pela primeira vez, e eu...

Ambos erguemos o olhar quando ouvimos os estalos e rangidos inconfundíveis de um motor *Volkswagen*. A Bee conduz demasiado depressa para a sua idade — para qualquer idade, de facto. Seria de esperar que uma mulher de 85 anos temesse o acelerador, ou pelo menos o respeitasse. Mas a Bee não. Ela travou com uma derrapagem, a meros centímetros dos nossos pés.

— Emily! — disse a Bee quando saiu de rompante do carro, acenando com os braços. Estava com calças de ganga escuras, ligeiramente à boca-de-sino, e uma túnica verde-clara. A Bee era a única mulher octogenária que eu conhecia que se vestia como se ainda tivesse 20 anos — bem, 20 anos na década de 1960, talvez; o padrão da sua camisola lembrava penas indianas.

Senti um nó na garganta quando nos abraçámos. Nada de lágrimas, apenas um nó.

— Estava agora a falar com o teu vizinho... — disse eu, ao aperceber-me de que não sabia o nome dele.

— Henry — declarou ele, com um sorriso, estendendo a mão.

— Prazer em conhecê-lo, Henry. Eu chamo-me Emily. — Também havia algo de familiar nele. — Espere, já nos conhecemos, não é?

Ele anuiu.

— Sim, mas você era apenas uma criança. — Ele abanou a cabeça com espanto para a Bee.

— Devíamos ir andando para casa, filha — disse a Bee, a passar rapidamente pelo Henry. — Já devem ser pelo menos duas da manhã. Hora de Nova Iorque.

Eu estava cansada, mas não ao ponto de me esquecer de que o porta-bagagens do carocha da Bee fica na frente do carro, por isso carreguei as minhas malas. A Bee embalou o motor, e eu virei-me para me despedir do Henry, mas ele já se tinha ido embora. Perguntei-me por que razão a Bee não oferecera boleia ao vizinho.

— É tão bom ter-te aqui, querida — disse a Bee ao arrancar velozmente do terminal. Os cintos de segurança do carro não funcionavam, mas eu não me importei. Estar aqui com a Bee, nesta ilha, fazia-me sentir segura.

Olhei pela janela para o céu estrelado de inverno à medida que o carocha avançava pela estrada. Hidden Cove Road estendia-se pela costa, com as suas curvas acidentadas e sinuosas que evocavam a Lombard Street em São Francisco. Embora os elétricos não pudessem andar por entre as árvores que, ao se apartarem, revelavam a casa de praia da Bee. Mesmo que a víssemos todos os dias da nossa vida, nunca deixaria de nos maravilhar; era uma velha casa colonial branca e extensa com uma entrada sustentada por pilares, e persianas de ébano a ladearem as janelas frontais. O tio Bill tinha-a incitado a pintá-las de verde. A minha mãe dizia que deviam ter sido azuis. Mas a Bee sempre insistiu que não fazia sentido ter uma casa branca sem persianas pretas.

Não consegui ver se os lilases estavam em flor, ou se os rododendros eram tão exuberantes como me lembrava, ou se a maré estava baixa ou alta. Mas, mesmo no escuro, o lugar parecia efervescente e cintilante, inalterado pelo tempo.

— Aqui estamos nós — disse a Bee, a travar com tanta força que eu tive de me segurar. — Sabes o que devias fazer?

Eu tinha antecipado as suas palavras exatas.

— Devias mergulhar os pés no estuário — sugeriu ela a apontar para a praia. — Vai fazer-te bem.

— Amanhã — disse eu com um sorriso. — Esta noite só quero entrar e cair no sofá.

— Está bem, querida — disse ela, prendendo uma mecha do meu cabelo loiro atrás da orelha. — Tinha saudades tuas.

— E eu tuas — disse eu, a apertar-lhe a mão.

Retirei a bagagem da mala do carro e segui-a pelo caminho de tijolo que levava até à casa. A Bee já vivia aqui muito antes de se ter casado com o tio Bill. Os seus pais tinham morrido num acidente de viação quando ela estava na faculdade e tinham-lhe deixado, à sua única filha, uma fortuna, com a qual ela tinha feito uma compra impressionante e única: a Mansão Keystone, a casa colonial enorme e antiga do século XVIII que estava vedada há anos. Desde a década de 1940 tinha havido um debate aceso na localidade sobre qual era o ato mais excêntrico da Bee: comprar a casa enorme ou renová-la, de uma vez só, por dentro e por fora.

Quase todos os quartos ofereciam uma vista do estuário através de grandes janelas de batente, que chocalhavam em noites ventosas. A minha mãe sempre disse que a casa era demasiado grande para uma mulher que não tinha filhos. Mas acho que ela tinha apenas ciúmes; vivia num pequeno chalé com três quartos.

A grande porta da frente rangeu quando eu e a Bee entrámos.

— Anda — disse ela. — Eu acendo a lareira e depois preparo-nos uma bebida.

Vi a Bee empilhar lenha na lareira. Ocorreu-me que devia estar a fazer isto por ela. Mas sentia-me demasiado cansada para me mexer. Doíam-me as pernas. Doía-me tudo.

— É engraçado — disse eu, a abanar a cabeça. — Todas aqueles anos em Nova Iorque, e nem uma vez te vim visitar. Sou uma sobrinha horrível.

— Andavas distraída — disse ela. — E, bom, o destino traz-nos sempre de volta ao início quando é hora de regressar.

Lembrei-me das palavras no postal dela. De uma forma, a definição de destino da Bee parecia mais ser o meu fracasso, mas a intenção dela era amável.

Olhei para a sala de estar e suspirei.

— O Joel teria gostado disto — disse eu. — Mas eu nunca o consegui convencer a deixar o trabalho por tempo suficiente para fazer a viagem.

— É uma coisa boa — disse ela.

— Porquê?

— Porque não acho que nos teríamos dado bem.

Sorri.

— Provavelmente tens razão. — A Bee não tinha muita paciência para falsas aparências, e o Joel era carregado delas.

Ela levantou-se e circundou o canto até à sala que ela chamava de «lanai», onde tinha um autêntico bar. O espaço estava rodeado quase inteiramente por janelas, tirando uma parede que tinha um grande quadro pendurado. Lembrei-me da tela que tinha guardado na minha mala antes de sair de Nova Iorque. Quis saber mais sobre a pintura, mas não era a altura certa. Tinha aprendido há muito tempo que discutir as peças de arte da Bee, como muitos assuntos da vida dela, estava fora de questão.

Pensei na noite em que tinha 15 anos, quando eu e a minha prima Rachel nos escapulimos para o bar, encontrámos aquele armário com as portas de junco escuras e bebemos quatro *shots* de rum cada uma enquanto os adultos jogavam às cartas na outra

sala. Lembro-me de desejar que a sala parasse de rodar. Foi a última vez que bebi rum.

A Bee regressou com dois *Gordon Greens*, uma mistura de lima, pepino com gin, xarope simples e um pouco de sal marinho.

— Então, conta-me sobre ti — disse ela, ao entregar-me um copo.

Bebi um gole, desejando ter uma história para contar à Bee. Uma história qualquer. Senti outra vez aquele nó na garganta, e quando abri a boca para dizer algo, não tinha palavras, por isso olhei antes para o meu colo.

A Bee acenou como se o meu comportamento fizesse todo o sentido.

— Eu sei — disse ela. — Eu sei.

Permanecemos sentadas em silêncio, a fitar as chamas hipnóticas do fogo. Por fim, senti as pálpebras pesadas do sono.

2 de março

Não sei o que me acordou na manhã seguinte: as ondas a rebentarem na costa, tão ruidosamente que parecia possível que estivessem a tentar chegar à minha porta, ou o aroma do pequeno-almoço na cozinha — panquecas, que já ninguém comia, certamente não os adultos, e mais ainda os adultos em Nova Iorque. Ou talvez tenha sido o meu telemóvel que me forçou a abrir os olhos, o telemóvel que estava a tocar algures entre as almofadas do sofá. Não tinha chegado a ir para o quarto de hóspedes na noite anterior; a fadiga fora mais forte do que eu — fadiga ou exaustão emocional. Ou ambas.

Afastei a colcha — a Bee deve ter-me coberto com ela depois de eu ter adormecido — e comecei a procurar freneticamente o telemóvel.

Era a Annabelle.

— Ei — disse eu baixinho.

— Ei! — disse ela, a sobressaltar-me com a sua alegria. — Só queria certificar-me de que chegaste bem. Está tudo bem?

Para ser franca, desejava poder ser como a Annabelle e descontrair. Queria chorar lágrimas gloriosas e gordas. Deus sabe como eu precisava.

Ela ia passar o mês na minha casa, uma vez que os seus vizinhos de cima tinham começado a aprender a tocar trompete.

— Recebi alguma chamada? — perguntei, sabendo que a Annabelle compreenderia exatamente de quem eu estava a falar. Eu sabia que parecia patética, mas há muito tempo que nos tínhamos permitido ser patéticas ao pé uma da outra.

— Desculpa, Em, não houve chamada nenhuma.

— Certo — disse eu. — Claro. Então, como estão as coisas aí?

— Bem — declarou ela —, encontrei o Evan no café hoje de manhã.

O Evan é o ex-namorado da Annabelle, aquele com quem ela não casou por causa da sua aversão pelo *jazz* e, bem, outras coisas, também. Vejamos... ele ressonava. E comia hambúrgueres, o que era um problema porque a Annabelle é vegetariana. E depois havia o problema do nome dele. Evan não é um nome casadoiro.

— Falaram, vocês?

— Mais ou menos — disse ela. A sua voz pareceu de súbito distante, como se estivesse a fazer duas coisas ao mesmo tempo. — Mas foi esquisito.

— O que é que ele disse?

— Bem, ele apresentou-me a sua namorada, *Vivien*.

Ela disse *Vivien* como se fosse o nome de uma horrível doença — como uma alergia ou se calhar uma infeção de estafilococos.

— É impressão minha ou estás com ciúmes, Annie? Lembra-te, foste *tu* que acabaste com *ele*.

— Eu sei — disse ela. — E não me arrependo da decisão.

Não me convenceu.

— Annie, eu conheço o Evan — disse eu —, e sei que, se lhe telefonasses agora mesmo e lhe dissesse o que realmente sentes, ele voltaria para ti. Ele ainda te ama.

Houve um silêncio do outro lado da linha, como se ela estivesse a ponderar a minha ideia.

— Annie? — disse eu. — Estás aí?

— Sim — respondeu ela. — Desculpa, tive de pousar o telefone. O tipo da UPS apareceu à tua porta e eu tive de assinar uma encomenda. Recebes sempre assim tanto correio?

— Então não ouviste nada do que eu disse?

— Desculpa — disse ela. — Era importante?

Suspirei.

— Não.

Apesar da sua investigação e de acreditar que era uma romântica incurável, no que dizia respeito ao amor, a Annabelle tinha aperfeiçoado a bela arte de sabotar relações.

— Bem, liga-me se quiseres falar — disse ela.

— Está bem.

— Adoro-te.

— Também te adoro, e afasta-te do meu hidratante de pele caro — disse eu, em parte na brincadeira, em parte com seriedade.

— Acho que consigo fazer isso — disse ela —, se me prometeres que vais tentar resolver os problemas relativamente às lágrimas.

— Combinado.

Quando entrei na cozinha, fiquei surpreendida por não encontrar a Bee enérgica em frente ao fogão. Em vez disso, havia um prato com panquecas, algumas tiras de bacon estaladiças empilhadas na perfeição e um frasco de uma saborosa compota de framboesa caseira à minha espera sobre a mesa, acompanhados de uma mensagem:

Emily,

Tive de ir à cidade tratar de umas coisas e não quis acordar-te. Deixei-te um prato com as tuas panquecas de trigo sarraceno preferidas e bacon (reaquece no micro-ondas — 45 segundos na potência máxima). Fica à vontade. E devias fazer um passeio depois do pequeno-almoço. O estuário está lindo hoje.

Com amor,
Bee

Pousei a mensagem e olhei pela janela. Ela tinha razão. A água azul-acinzentada, a miscelânea de areia e rochas — era impressionante. Tive vontade de correr lá para fora naquele momento e desenterrar bivalves, ou levantar rochas e procurar caranguejos, ou despir-me e nadar até à boia, como fizera durante os verões da minha infância. Queria imergir naquele enorme corpo de água, bonito e misterioso. Esse pensamento fez-me sentir viva por um segundo, mas apenas um segundo. Por isso barrei as panquecas com a compota da Bee e comi.

A mesa estava tal como me lembrava, coberta com a toalha de plástico amarela com ananases, um suporte para guardanapos decorado com conchas e uma pilha de revistas. A Bee lê todas as edições da *New Yorker*, do princípio ao fim, e depois recorta as suas histórias preferidas, cola-lhes *post-its* escritos com os seus comentários e envia-mas por correio, embora eu lhe diga inúmeras vezes que ela não se devia dar ao trabalho, porque eu sou assinante da revista.

Depois de ter posto o meu prato na máquina de lavar loiça, percorri o corredor, espreitando para cada quarto até encontrar aquele onde a Bee tinha colocado as minhas malas. Em todos os anos que a visitei durante a minha infância, nunca tinha entrado

neste quarto. De facto, não me lembro de ele existir. Mas a Bee tinha o hábito de trancar certos quartos, por razões que eu e a minha irmã Danielle nunca compreenderemos.

Sim, decidi, eu ter-me-ia lembrado deste quarto. As paredes estavam pintadas de cor-de-rosa — o que era estranho, porque a Bee odiava cor-de-rosa. Perto da cama estava uma cómoda, uma mesinha de cabeceira e um guarda-fatos grande. Olhei pelas vidraças da janela com vista para o lado ocidental da costa e lembrei-me da sugestão da Bee de dar um passeio. Decidi desfazer as malas mais tarde e ir à praia. Estava demasiado fraca para continuar a resistir ao seu magnetismo.

Entre violetas e um diário secreto, o amor pode renascer.

Aos 20 anos, Emily estava nos píncaros. Escritora de sucesso e casada com um homem de capa de revista, o futuro parecia-lhe auspicioso.

Dez anos depois, a sua sorte deu uma reviravolta. Desanimada por um súbito bloqueio criativo e a recuperar de um divórcio, Emily é convidada pela sua tia-avó Bee a passar um mês na idílica ilha de Bainbridge. Talvez o regresso às memórias da sua infância e o poder do mar sejam a cura perfeita para o seu coração partido.

Enquanto procura material para o próximo livro, Emily encontra um diário de 1943 que lhe revela a história trágica de uma das habitantes da ilha. A pouco e pouco, ela percebe que esta história está estranhamente ligada a si e que há um mistério à sua espera para ser desvendado... Um mistério que esperou décadas pela sua chegada.

**Um romance sobre amores que resistem ao tempo,
ao desgosto e à distância... mesmo quando
tudo parece estar perdido.**



«Combina-se romance, história e um mistério,
e o que se obtém? *O Tempo das Violetas*,
que nos mostra que o passado volta sempre,
reservando algumas surpresas.»

Jodi Picoult, autora bestseller

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8869-75-3  9 789898 869753 Literatura Traduzida
--	--